

Brazil still needs to promote the immunisation of premature babies

Andrea Juste

Around 3 million Brazilians are born every year. Ten per cent of them – 300,000 – are premature, meaning they have come to the world at less than 37 weeks gestation. The rate is higher than the 6.5 per cent recorded 20 years ago. This parcel of the infant population, which weighs less than 500g, needs essential care to survive. One and most important is vaccination in the maternity ward. But concern about immunising premature babies is only just beginning to become part of the Brazilian reality, warns paediatrician José Geraldo Leite Ribeiro, a professor at the Minas Gerais School of Medical Sciences.

"In the past, our training was very much about saving the premature baby and treating complications they had," he says, stressing the need to encourage immunisation. Premature babies should not be vaccinated while they are in a serious condition, explains Ribeiro. But as soon as the complications are under control, the newborn should follow the immunisation schedule while still in the hospital.

"Some vaccines, such as BCG (against tuberculosis) and hepatitis B, are not administered until the child is 2kg old," he points out. Brazil's Unified Health System (SUS) offers all the vaccines on the calendar for children under 1-year-old. Ribeiro explains that North American studies show that when the baby starts being immunised in hospital, there is a greater chance that the vaccine routine will be followed more rigorously. "There needs to be a culture of immunisation, which is important at all ages."

The vice-president of the Brazilian Society of Fetal Medicine, fetologist Heverton Pettersen, says that in the history of medicine, the youngest surviving baby was born at just 23 weeks. "Surviving is different from living, because premature babies are susceptible to complications such as respiratory failure and cerebral haemorrhage. They can be born weighing 400g and survive, but they have to go through a long journey," she says, pointing out that around 80% of those born weighing less than 0.5kg don't make it.

João Eduardo, 11, spent just 24 weeks (five and a half months) in his mother's belly. Denise de Lirio Souza Ferreira, 44, says he was born weighing 920g and weighed as little as 600g due to complications with his lungs and intestines, a brain haemorrhage and cardiac and respiratory arrests. After almost three months under hospital care, João went home weighing 1.8kg.

"I started doing 'kangaroo mothering' in the hospital, so he could feel his mother's heart and warmth," Denise recalls. The technique is advocated by paediatrician Maria Albertina Santiago Rego, president of the Hospital Care and Paediatric Emergencies Committee of the Minas Gerais Paediatric Society and adjunct professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). The method allows the baby to stay close to the mother "in its entirety, warming it up and guaranteeing the basic care required, such as breastfeeding."

Denise believes that the difficulties were overcome. "He proved to be a champion. We follow up with speech therapy and physiotherapy. Today, he's in the sixth grade and very good at computers," says the proud mother.

Jabs help produce antibodies

Premature babies suffer various health complications, such as being able to regulate their temperature. "These children have great difficulty having a regular breathing pattern," says paediatrician Maria Albertina Santiago Rego.

Due to such health issues, vaccines are essential to strengthen babies' immune systems, says Renato Kfoury, president of the Brazilian Society of Immunisations (SBIIm). "Premature babies have an underdeveloped immune system and this makes them susceptible to some diseases, such as respiratory infections caused by viruses, including pneumonia."

According to paediatrician José Geraldo Leite Ribeiro, with special care, such as supplementing with vitamins and iron, premature newborns get up to speed with those born at full term by the age of 2. "From then on, they are children like any other, and parents should be careful, but without inhibiting growth."

Bebê. No Brasil, 10% dos 3 milhões de partos a cada ano ocorrem antes das 37 semanas de gestação

Imunização de prematuro ainda precisa ser incentivada no país

Crianças que vieram ao mundo antes do tempo devem tomar as vacinas habituais

■ ANDRÉA JUSTE

Cerca de 3 milhões de brasileiros nascem anualmente. Dez por cento deles – 300 mil – são prematuros, ou seja, chegaram ao mundo com menos de 37 semanas de gestação. O índice é maior do que os 6,5% registrados há 20 anos. Essa parcela da população infantil, que chega a pesar menos de 500 g, necessita de cuidados essenciais para conseguir sobreviver. Um deles – e o principal – é a vacinação ainda na maternidade.

Mas a preocupação com a imunização de prematuros ainda está começando a fazer parte da realidade brasileira, alerta o pediatra José Geraldo Leite Ribeiro, professor da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. “No passado, nossa formação foi muito no sentido de salvar o prematuro, tratar as suas complicações”, diz, ressaltando a necessidade de incentivo à imunização.

O prematuro não deve ser vacinado enquanto se encontra em estado grave, explica Ribeiro. Mas, assim que as complicações são controladas, o bebê deve começar a seguir o calendário de vacinação ainda no hospital. “Algumas vacinas, como a BCG (contra tuberculose)

e de hepatite B, não são utilizadas até a criança completar 2 kg”, ressalta.

O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece todas as vacinas do calendário para a criança menor de 1 ano, diz Ribeiro. Ele explica que estudos norte-americanos comprovam que, quando o bebê inicia a imunização no hospital, há mais chances de essa rotina de vacinas ser seguida com maior rigor. “É preciso haver uma cultura voltada para a imunização, importante em todas as idades”, alerta.

LUTA. O vice-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Fetal, o médico fetologista Heverton Pettersen, afirma que, na história da medicina, o bebê mais novo que sobreviveu nasceu com apenas 23 semanas. “Sobreviver é diferente de viver, pois o prematuro é suscetível a complicações, como insuficiência respiratória, hemorragia cerebral. Ele pode nascer com 400 g e sobreviver, mas tem que passar por uma viagem comprida”, conta, lembrando que cerca de 80% dos que nascem com menos de 0,5 kg morrem.

João Eduardo, 11, passou apenas 24 semanas (cinco meses e meio) na barriga da mãe, Denise de Lírio Souza Ferreira, 44. Ele nasceu com 920 g e chegou a pesar 600 g devido a complicações no pulmão e no intestino, hemorragia cerebral e paradas cardíaca e respiratória. Após quase três meses, João foi para casa com 1,8 kg. “Comecei a fazer ‘mãe canguru’ no hospital, pa-



Força. “Ele sabe que é especial”, diz Denise sobre João; no detalhe, ela com o filho recém-nascido

ra ele sentir o coração, o calor da mãe”, fala Denise.

A técnica é defendida pela pediatra Maria Albertina Santiago Rego, presidente do Comitê de Cuidados Hospitalares e Emergências Pediátricas da Sociedade Mineira de Pediatria e professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O método permite que o bebê fique junto à mãe “integral-

mente, aquecendo-o e garantindo os cuidados básicos de mandados, como amamentação”, diz.

Denise acredita que as dificuldades foram superadas. “Ele foi provando ser um campeão. Fazemos acompanhamento de fonoaudiologia, fisioterapia. Hoje ele está passando para a sexta série do ensino fundamental e é bem es-

Causas

Prematuridade. Entre várias possibilidades, estão as complicações na saúde da mãe (diabetes, doenças do coração e hipertensão, entre outras). Para prevenir o parto prematuro, fazer o pré-natal.

Cuidados

Produção de defesas vem pela vacina

+ O bebê prematuro sofre diversas complicações na saúde, sendo a dificuldade de manter a temperatura uma das principais. “Essas crianças têm grande dificuldade de assumir padrão respiratório regular”, diz a pediatra Maria Albertina Santiago Rego.

Devido a esses problemas na saúde, as vacinas são fundamentais para reforçar o sistema imunológico dos bebês, diz o presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), Renato Kfoury. “O prematuro tem o sistema imune pouco desenvolvido e isso faz com que ele tenha uma suscetibilidade para algumas doenças, como infecções respiratórias causadas por vírus”, diz, acrescentado coqueluche e pneumonia.

Segundo o pediatra José Geraldo Leite Ribeiro, com cuidados especiais, como complementação de vitaminas e ferro, é comum que, aos 2 anos, a criança se iguale àquela que nasceu a termo. “A partir daí é uma criança como as outras”, diz, alertando aos pais sobre o excesso de proteção. “Os pais devem ser cuidadosos, mas sem inibir o crescimento”, comenta. (AJ)

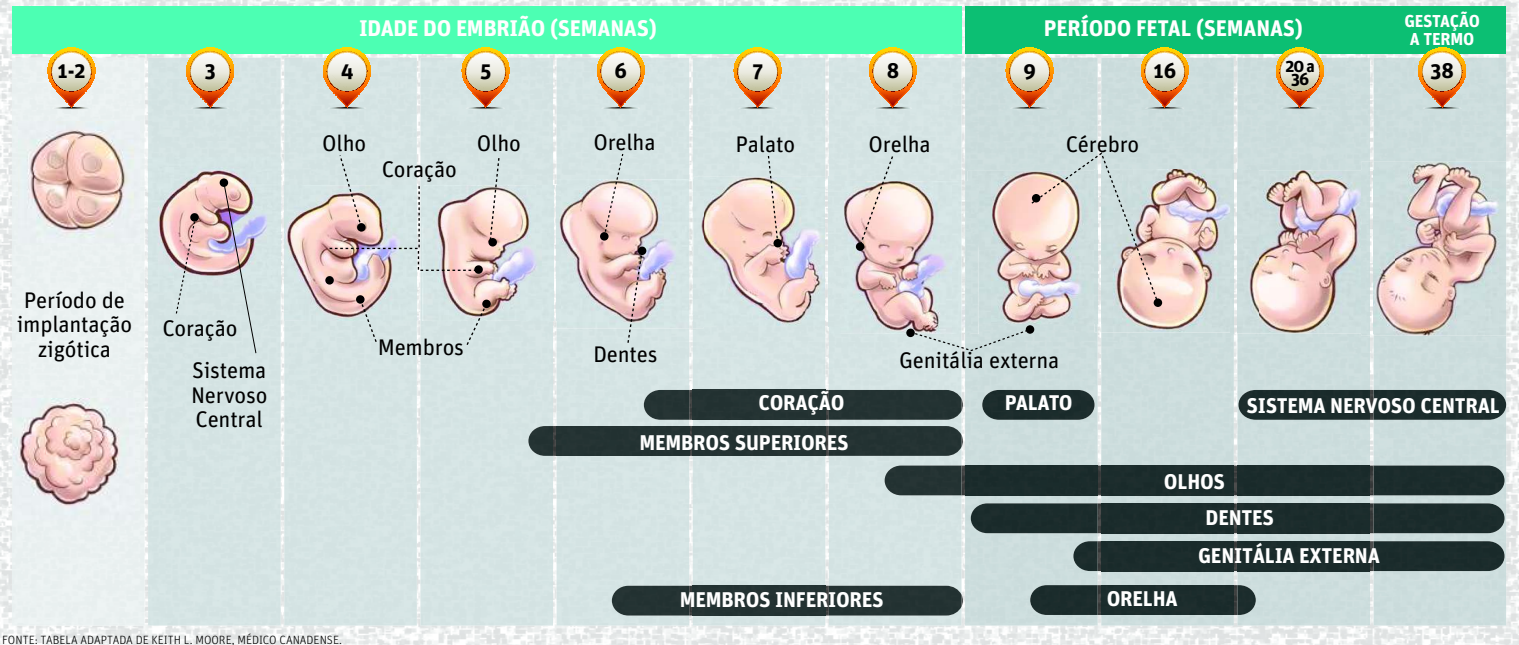
Bebê imunizado

Vacinas a serem tomadas até 1 ano. Algumas precisam de doses de reforço

- BCG e hepatite b, quando o peso chegar a 2 kg.
- Palivizumabe (vírus VSR).
- Pneumocócica conjugada, aos 2 meses.
- Influenza, aos 6 meses.
- Poliomielite (vacina inativada).
- Rotavírus e hemófilos tipo b.
- Tríplice bacteriana (vacinas acelulares).

FONTE: SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÕES (SBIM)

DESENVOLVIMENTO FETAL



FONTE: TABELA ADAPTADA DE KEITH L. MOORE, MÉDICO CANADENSE.